

ANEXO II

O PROJETO MUSEOGRÁFICO DA EXPOSIÇÃO ARQUEOLOGIA EM QUESTÃO: PERCORRENDO O LITORAL CATARINENSE

Apresentação oral

A trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/Marque deve ser vista como a de uma instituição, que desde sua criação, mantém o compromisso com a produção do conhecimento nas áreas de arqueologia, etnologia e museologia. A formação do seu acervo perpassa pela antropologia, onde as pesquisas acadêmicas, incluindo as de campo, resultaram em coleções etnográficas indígenas, arqueológicas e de cultura popular, com peças originárias de várias regiões brasileiras, com documentação e valor acadêmico. Dentro destas coleções, a Coleção Etnográfica Indígena abrange artefatos produzidos pelos povos Guarani, Kaingang e Xokleng de Santa Catarina, Tikuna, Bororo, Karajá dentre outros povos indígenas. A Coleção Arqueológica é composta de artefatos, ecofatos e sepultamentos provenientes de ocupações pré-coloniais, coloniais e pós coloniais do território catarinense, além da coleção de cerâmica marajoara da região amazônica, que pertenceu ao Museu Tom Wildi¹. A Coleção de Cultura Popular é integrada por obras de autoria de Franklin Cascaes², desenhos sobre papel e de conjuntos escultóricos, além de cadernos de campo com diversos registros manuscritos. Destaca-se também a coleção de rendas de bilro. O Pavilhão de Exposições, inaugurado em 2012, está localizado junto à sede do MARquE. Configura-se em uma construção funcional, articulada com as Reservas Técnicas, com os laboratórios e áreas administrativas. A conclusão da obra veio concretizar longos anos de espera por um espaço expositivo e a realização de exposições intramuros.

Neste sentido, A **Exposição Arqueologia em Questão: percorrendo o litoral catarinense**, inaugurada em maio de 2014, pode ser considerada um marco na história recente da instituição. Representa uma nova compreensão das infinitas possibilidades que o acervo articula, do seu poder de representação, da sua resignificação e do seu potencial comunicacional. Com estas novas proposições, este projeto apresentou-se como um desafio a equipe, pois seria a primeira exposição elaborada para o espaço destinado a exposições de longa duração, que dispõe de quase 500 m². Além disso, este projeto piloto prepararia a equipe para os desafios posteriores de se construir uma exposição de longa duração do MARquE. Neste sentido, todos os desafios e percalços encontrados serviriam como etapa de amadurecimento da equipe.

Antes, no entanto, de abordar o caminho traçado neste projeto, se faz necessário apontar a relevância das práticas expositivas dentro do museu. A partir do entendimento que “os museus, sejam eles clássicos ou museus comprometidos com os diferentes aspectos da coesão social e o desenvolvimento, têm como elemento distintivo, em relação aos outros instrumentos culturais, a elaboração e apresentação pública de ato expositivo” (PRIMO, 2014 p. 110), a exposição se mostra como ação indispensável à prática museológica. Baseado também sobre a fala de Mário Moutinho (2013), a exposição deve; ensinar, ou ainda fornecer dados suficientes para a compreensão do público; investigar, o que representa estar em contato com o mundo a sua volta; e demonstrar.

¹ Museu particular que funcionou entre as décadas de 50 e 80 no Centro de Florianópolis, cujo acervo foi doada ao MU/UFSC pela família; a maior parte dele é proveniente de escavações arqueológicas efetuadas por Tom Wildi na Ilha de Marajó – Pará.

² Este autor materializou ao longo de décadas (1940/1980) as transformações que ocorriam na Ilha de Santa Catarina e litoral próximo, bem como o dia a dia, o sagrado e o profano, o negro, o índio, os descendentes de açorianos, de madeirenses, de portugueses entre outros.

Por se tratar de um museu universitário e extremamente ligado às novas práticas museológicas, a concepção deste projeto museográfico não se voltou unicamente para a própria instituição. Buscando sempre a participação de outros setores da universidade, estabeleceu-se um processo de comunicação entre os profissionais do museu, suas parcerias e o visitante. Assim a construção do conceito da exposição passou pelos quatro princípios estruturantes da museologia identificado por Judith Primo (2014, p.111-112): “Uma nova museografia de caráter temático que incide sobre o tempo, o espaço e as questões sociais; A reflexão coletiva sobre o desenvolvimento; A interdisciplinaridade como instrumento promotor de transformação; e o princípio da participação como motor para a existência de uma nova prática e teoria museológica.” Desta forma o projeto da exposição não restringiu a seleção de objetos, elaboração de textos, a exploração da espacialidade, exclusivamente a equipe do museu. De fato a participação de outros setores e pessoas de diferentes formações para a construção da exposição, foram determinantes para a realização da mesma.

A escolha do tema perpassou pela ideia de realizar uma aproximação do público local, moradores de Florianópolis, com o museu e sua trajetória. Para isso, foi realizado um levantamento do acervo arqueológico da instituição que dialogasse com a região onde o MARquE está inserido e o litoral se configurou como uma perspectiva a ser explorada. Tendo em vista o resultado deste levantamento, chegou-se a ideia final de trabalhar com o litoral catarinense a partir dos vestígios encontrados de diversos grupos humanos que se sucederam no tempo e que por meio das pesquisas arqueológicas desenvolvidas passaram a formar parte do acervo museológico do marque ao longo de cinco décadas da instituição.

A narrativa museologica pontuou o fazer do arqueólogo e os períodos pós-colonial, colonial e pré-colonial, a compor aproximadamente seis milênios. Do presente ao mais longínquo, a vida cotidiana nas Fortificações e seus arredores, de populações Guarani e Jê, assim como dos grupos responsáveis pelos sambaquis. Além das representações rupestres e as oficinas líticas.

A partir de discussões o fazer arqueológico foi projetado como um recurso de aproximação do público com a temática que ultrapassa o senso comum e permite e possibilita a compreensão do universo que envolve a arqueologia, amplia os sentidos e o entendimento por meio da simulação de um Sítio Arqueológico. Tratou-se de evidenciar as transformações, entender a singularidade e diversidade, a paisagem como elemento norteador de diferentes culturas que deixaram registro e histórias.

A exposição foi articulada de forma que, primeiro se introduz o visitante ao fazer arqueológico e aos poucos, retrocede no tempo, do presente ao mais distante temporalmente. Assim, cada período ou ocupação humana singular teve seu conteúdo estruturado em módulos, com a intenção de que cada módulo sugerisse uma prospecção ao passado. O visitante recebe a informação e reelabora uma nova construção a partir dos objetos e dos conteúdos apresentados.

Cada módulo foi definido por uma cor e caracterizado por uma camada/faixa. O módulo de ocupações humanas do passado que se relacionaram em alguma medida com outra recebem mais de uma cor segundo a qual ocupação se refere. Foram utilizadas cores em tons terrosos como fio condutor das estratigrafias dos diferentes módulos presentes nos painéis das distintas ocupações humanas com vistas a orientar o visitante.

As ocupações humanas do litoral como escolha, o acervo do MARquE, suas representações e textos, permitiram uma reflexão e conhecimento sobre grupos distintos que, viveram e conviveram, deixando seus registros, suas marcas na paisagem e histórias de um tempo já ido que reforça a importância da preservação do patrimônio arqueológico como um marco de nossa identidade.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lauro. O quarteto antropofágico: da redescoberta ao moderno e ao contemporâneo. IN: CHAGAS, Mario (org). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museus: Antropofagia da memória e do patrimônio**. Brasília, nº 31, p.58-73, 2005.

PRIMO, Judith. **Museologia e design na construção de objectos comunicantes**. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2290/1799>. Acesso em 25.09.14.

MOUTINHO, Mário. **Concepts and methodology in the exhibition "Baixa em Tempo real"**. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/4514/3044>. Acesso em 26.09.14